

BOCAGE DESCEU AO INFERNO E NÃO ERA APENAS UM BOCA SUJA

BOCAGE DESCENDED INTO HELL AND WAS NOT JUST A FOUL MOUTH

MARCOS BARRERO

|

Bocage, vivo, muitas vezes foi injustiçado e perseguido. Bocage, morto, é – depois de dois séculos – de novo injustiçado e perseguido por uma má fama até certo ponto leviana, causada pelo que aprontou de bom e ruim em quatro décadas de vida louca. Na boca do vulgo, aqui e além-mar, seu nome permanece carimbado e marcado por alguns clichês irremovíveis. Recordar-se apenas um poeta boca-suja, boêmio e de vida agitada. Ora erótico, ora obsceno, ora sensual – dependendo de quem faz juízo.

Circulam ainda até mesmo brochuras sob títulos como *Anedotas de Bocage*, com textos originais e apócrifos em edições baratas, expostas em livrarias e bancas de jornais. Tais folhetos lembram certos quadrinhos que derretiam nas mãos de ginásianos de meados do século passado – os lendários catecismos de Carlos Zéfiro, que foi o funcionário público carioca Alcides Caminha, e ao mesmo tempo o lírico letrista de *A flor e o espinho*, clássico consagrado em disco por seu parceiro Nelson Cavaquinho.

Ou seja: um personagem de várias faces, como Manuel Maria de Barbosa l’Hedois du Bocage (1765-1805). “Para o vulgo em geral, a sua imagem decaiu de classe em classe e resta o Bocage da anedota pornográfica. Alguns sabem dos seus poemas marginais, vamos dizer assim, obscenos; outros, nem sequer isso: eram tão-somente as piadas que até década de 1950, aqui no Rio de Janeiro, eram contadas nos bares, nas farras ou na repartição, ou então, aos sussurros, em salões onde estivessem “senhoras’

presentes. Fama é fama – a difamação do poeta está dependurada no relento há séculos”, escreveu o poeta e ensaísta José Lino Grünewald no prefácio da antologia *Poemas/Bocage* (Ed. Nova Fronteira, RJ, 2015).

De todo o modo, os poemas fesceninos talvez sejam uma espécie de crachá digital que ainda abre as portas do século XXI para o bardo de Setúbal. A vida de Bocage pode ser definida como algo à moda de um jogo da amarelinha, como traçou Júlio Cortázar, em suma um “vaivém”, conforme escreveu o professor português Fernando Cristóvão, autor de um pioneiro estudo sobre Graciliano Ramos, no prefácio da primorosa biografia *Bocage – um perfil perdido*, de Adeldo Gonçalves (Editorial Caminho, Lisboa, 2003; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, SP, 2021) – obra rica em detalhes e informações, na qual trafegam personagens marcantes, como o gatuno e devasso Frei Macedo, o Padre Lagosta, amigo e inimigo de Bocage por toda a vida, e repleta de correções minuciosas, como o verdadeiro endereço em que o bardo nasceu em Setúbal. Enfim, o livro expõe contradições e preenche algumas lacunas acumuladas sobre uma história de vida revisitada séculos depois.

||

O metucioso Adeldo, que viveu alguns anos em Lisboa e escreveu a biografia de Tomás Antônio Gonzaga, com revelações surpreendentes, não abraçou apenas meia dúzia de cartapácios nas bibliotecas lusas para edificar sua obra. Foi além: revirou os arquivos da Torre do Tombo e o setor de obras raras da Biblioteca Nacional portuguesa.

Dedicou dias e noites à rigorosa pesquisa, e revelou em 468 páginas, divididas em 22 capítulos, um Bocage de corpo inteiro, como jamais havia sido biografado. De brinde, exhibe uma impecável cronologia ilustrada do poeta, do nascimento aos seus últimos dias. O biógrafo seguiu o conselho de José Ramos Tinhorão, jornalista e escritor que legou livros fundamentais sobre Portugal: “Um pesquisador sério tem que mergulhar nas fontes primárias e engolir muita poeira”, dizia o autor de *Os negros em Portugal* (Editorial Caminho, Lisboa, 1988).

Em apenas 40 anos, a vida errante e sinuosa de Bocage foi povoada por personagens marginais e noturnos, frequentadores das então chamadas casas de pasto e das tavernas, e por poderosos do Clero e dos mais altos cargos do império português da segunda metade do século XVIII, sob o reinado de Dona Maria I, a louca, cujo bico de pena sepultou o ciclo do Marquês de Pombal, condenando-o ao exílio. O poeta conviveu, dividiu mesa e copo, amargou encrencas e terçou armas em todos os patamares da hierarquia lusitana de seu tempo. Rasgou fronteiras e vagou pelo mundo possível de então.

Algum tempo depois da morte da mãe Mariana Joaquina, Bocage, 16 anos, saiu de casa, ingressou no Exército e viajou. Marujo da Marinha portuguesa, o bardo andou por quatro anos pela Índia, pela Ásia (Goa, Macau e Damão) e lançou âncoras rumo ao Rio de Janeiro. Veio metido numa nau de guerra e carga (de salitre, enxofre e carvão). No caminho, enfrentou uma tempestade no meio do Atlântico e disso fez os versos da epístola *Elmano a Gertrúria*.

Entre muitas versões, o historiador Vieira Fazenda afirmou que Bocage se instalou por algumas semanas na atual Rua da Candelária, no centro da cidade (ao lado da igreja do mesmo nome, onde, em 1993, se cometeu uma das mais chocantes chacinas da história do país). O poeta se aproximou dos poderosos e bajulou com rimas o vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, agradecendo a recepção: “Senhor, só tu podias/tornar brilhantes os meus turvos dias”.

Turvos, sim, porque não estava naquele cenário de cartão-postal depois vendido por Hollywood ao mundo nos filmes de uma portuguesa fantasiada de baiana chamada Carmen Miranda. “O Rio de Janeiro que Bocage viu sob os seus pés era uma cidade úmida e quente, cortada por mangues de águas turvas que aterrorizavam qualquer europeu melhor informado: dificilmente alguém poderia escapar dali imune ao mal das bexigas. Era tão abafada que Bocage, por certo, imaginou que, se o inferno existisse, deveria ser ali”, descreve Mário Sampaio Ribeiro, em *O Rio de Janeiro em 1783, segundo o chanceler de sua Relação*, José Luís França - citado por Adeldo.

Sampaio Ribeiro ainda anotou: “A água que se bebia chegava infectada por cobras e sapos mortos. Os reservatórios, além de nunca serem limpos, invariavelmente, ficavam a céu aberto. E era esse o líquido que se distribuía em carros-pipa. Nas caixas d’água abertas era comum ver-se pretos com suas chagas e todas as demais moléstias e os lazarentos a lavar suas feridas. Sem contar que na parte coberta havia tanto esterco de morcegos e corujas que, muitas vezes, o que corria nos canos era um filete de água turva”.

III

O próprio pai de Bocage, o velho José Luis Soares Barbosa, estudou com o poeta inconfidente mineiro Claudio Manoel da Costa em Coimbra, por volta de 1749, e quase deu com os costados por aqui: esteve com um pé numa embarcação rumo ao Brasil. O primo João José também viveu no Rio de Janeiro e dois de seus tios foram padres no Nordeste. Um deles, João du Bocage, se tornou *chantre* – regente de coral da Igreja da Sé em Olin-da/PE. Antônio foi vigário na Paraíba.

Porém, o primeiro Bocage a saltar em terra do lado de cá do Atlântico foi o avô do poeta, o sicário francês Gil du Bocage, que ajudou a Colônia a enfrentar seus compatriotas numa batalha no morro de São Bento, na borda da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. “Não se sabe a razão, traiu sua pátria, a ponto de pegar em armas contra o governo de seu antigo

país. Foi uma troca desvantajosa para os franceses porque Gil L'Hedois du Bocage, atirador exímio, haveria de infligir pesadas baixas às forças do comandante René Duguay-Trouin que, em 1711, invadiram e subjugarão a cidade do Rio de Janeiro”, escreveu Adolto.

O avô de Bocage era, no fundo, algo como um miliciano náutico de aluguel. “Seria um corsário disposto a vender a sua experiência e coragem a quem lhe desse mais”, definiu o biógrafo. Numa ocasião, no leme de uma fragata, tendo como imediato um certo Drummond, “teria atacado deliberadamente três navios ingleses e traria o produto da pilhagem para vender em Lisboa, como se não passasse de um pacato negociante. Entre a carga apresada haveria uma caixa com grande quantidade de relógios que se destinariam a um mercador de Veneza”.

O aventureiro avô de Bocage, que era um balcão ambulante e fazia qualquer negócio, sabia do valor das peças – “uma mercadoria muito procurada à época, e paga a peso de ouro, os relógios teriam rendido uma pequena fortuna. Com o dinheiro arrecadado, Bocage liquidara as contas com a tripulação e resolvera ficar em Lisboa para passar adiante o restante da carga, agora em sociedade com o judeu Simão Halevy Halpern, conhecido como rei do escambo”.

IV

No entanto, o mais explosivo encontro de Bocage com um brasileiro aconteceu em Lisboa. O mulato Domingos Caldas Barbosa e o poeta chafurdaram numa batalha sob as Novas Arcadas lusitanas – uma espécie de academia improvisada no Palácio do Conde de Pombeiro, na qual os escritores eram identificados por pseudônimos e duelavam em versos nos convescotes semanais, que se iniciavam com almoço, chá com torradas e avançavam noite adentro. Os poetas adotavam nomes pastoris: Bocage era Elmano Sadino; Caldas Barbosa, Lerenó de Selinuntino.

O brasileiro, festejado animador de salões e rega-bofes da Corte, surgiu como uma novidade e des-

perrou a ira de Bocage. Tocava e cantava lundus e modinhas brasileiras, abraçado a uma precária viola com corda de arame, o instrumento mais popular à época. Bocage desfrutava de algum prestígio, já reunia uma legião de admiradores, mas não tinha lançado o lote inicial de *Rimas*. Ali, no palácio do conde, surgiu então a rivalidade. O brasileiro exibia algo novo, chegado da Colônia, e acabou encontrando ouvintes interessados. “Caldas Barbosa só poderia ser explicado exatamente pelo fato de a sua música constituir algo original e diferente daquilo a que o público dos salões estava acostumado a ouvir”, observou José Ramos Tinhorão em *As origens da canção popular* (Editorial Caminho, Lisboa, 1997).

Isso mesmo: diferente e original. O lundu, levado por Caldas a Portugal, era um ritmo angolano, trazido ao Brasil pelos escravos. Veio do calundu, um tipo de dança africana, marcada pela umbigada e o som do batuque, segundo Tinhorão. Evoluiu ao se fundir com o fandango europeu. Em seguida, graças a Caldas Barbosa, virou por fim lundu-canção, revestido de música e letra. “Embora tenha sido Domingos Caldas Barbosa o divulgador do lundu em Portugal, não é possível afirmar que todas as canções que tocava com sua viola de arame eram de sua autoria. Há a hipótese de que o poeta as tenha recolhido no Brasil, nas diversas manifestações de cunho popular”, advertiu a professora Teresa Virgínia de Almeida no artigo “No balanço malicioso do lundu” (*Revista de História da Biblioteca Nacional*, de janeiro de 2006).

A modinha, que tinha um caráter barroco, no sentido mais comum, vinha sendo difundida em certas regiões brasileiras pelo menos um século antes. Havia até uma região da Colônia contaminada pelo barroquismo generalizado. “As origens brasileiras da modinha e também de um certo barroquismo poético, bem brasileiro, bem século dezoito são determinados pela grande civilização das Minas. Este barroquismo brasileiro deixou seus traços igualmente visíveis em outras manifestações nada populares, nas escolas mineiras de literatura, escultura, pintura e arquitetura do século dezoito”, descreveu Afonso Arinos de Melo Franco em *Portulano* (Livraria Martins Editora, SP, 1945). E concluiu: “A personalidade in-

telectual e sentimental da Colônia já se fazia sentir até o ponto do nosso próprio povo influir, com o seu barroquismo lírico, nas cantigas do irmão reinol”.

V

As afrontas de Bocage a Caldas Barbosa faiscavam uma atrás da outra. O bardo lusitano usava expressões hostis e preconceituosas, como “orangotango”, por causa da pele negra do brasileiro, “gestos de mandinga” para sua dança e “neto da rainha Ginga”, alusão às suas origens maternas africanas. A rainha Ginga reinara um século antes em Angola. Eis um fragmento do soneto XVIII: “Nojenta prole da rainha Ginga/Sabujo ladrador, cara de mico, /Loquaz saguim, burlesco Teodorico, /Osga torrada/Estúpido resinga.../É porque sendo, oh Caldas, tão-somente /Um cafre, um gozo, um néscio, um parvo, um trampa, /Queres meter o nariz em cu de gente...”.

A gula de Caldas Barbosa, que literalmente assaltava as mesas postas do Conde de Pombeiro, também foi notada e difamada por Bocage, que disparou: “Dizem que o Caldas glutão/Em Bocage aferra os dentes:/Ora é forte admiração/Ver um cão morder na gente”. Caldas Barbosa, que era presidente da tal academia, não se intimidava. Empunhava sua violinha e sacava réplicas em forma de modinha: “De todos diz mal/ O ímpio Manuel Maria:/E se de Deus não o disse/Foi porque o não conhecia!”.

Como Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), um mulato brasileiro do século XVIII, foi parar na Corte? Filho de um comerciante português e de uma escrava angolana, fez os estudos iniciais em colégio de jesuítas no Rio de Janeiro. Não foi longe. O pai decidiu enviá-lo para uma carreira militar na Colônia de Sacramento (hoje uruguaia, mas então brasileira e disputada com os espanhóis). Também não deu certo. Caldas então atravessou o Atlântico para estudar Direito em Coimbra. Mal chegou e recebeu a pior notícia possível: a morte do pai, que era seu arrimo. Ficou duro, deixou a faculdade e acabou caindo literalmente no mundo. Foi morar na rua e passou fome. Vagou por Barce-

los, Porto e Lisboa, apresentando-se em tertúlias e festinhas chinfrins. De volta à Lisboa, ganhou a proteção do Conde de Calheta, em cujo castelo foi viver e então se tornou uma grande atração dos salões da Corte portuguesa. Mas o esplendor durou pouco. A academia Nova Arcádia, criada para louvações a nobreza, sobreviveu apenas três anos, de 1790 a 1793. Os serviçais do Conde de Pombeiro trancaram as portas do castelo por alguns motivos. Talvez o principal tenha sido a guerra dos vates – além da batalha Caldas versus Bocage, outros poetas chegaram a vias de fatos não necessariamente literários.

Caldas Barbosa morreu aos 60 anos, cinco anos antes de Bocage. As horas do fim vieram com um tumor em suas costas. O poeta passou a chamá-lo “massa estranha” e a tentativa de extraí-lo causou uma intensa hemorragia. A consistência do mal era pior do que se imaginava, disse o médico. Moribundo, Caldas Barbosa escreveu o longo poema autobiográfico *A Doença*, publicado em 1797 – três anos antes de sua morte. Os originais ficaram desaparecidos por séculos. Recentemente, a professora Lúcia Helena Costigan encontrou uma cópia do poema na seção de obras raras da Biblioteca Nacional de Lisboa e o transformou em livro no Brasil (*A Doença*, Editora 34, SP, 2018, em parceria com Fernando Morato).

Com gênero meio indefinido e até em tons góticos, assim se inicia o livro: “Então eu vi alçar-se o espectro informe/De hórrido aspecto e de uma voz enorme:/Ornam poucos cabelos a cabeça/E da mirrada testa lhe começa/Na borbulhosa pele uma cor pálida,/ Uns encovados olhos, barba esqualida,/ Da carcomida boca respirando/ Um hálito pestífero e nefando”.

O poeta Bocage, acima de tudo, teve uma vida contraditória, porém afinada com as condições que lhe foram dadas num país afogado em doenças, epidemias, miséria e corrupção generalizadas. “Na Lisboa pombalina, o poeta ergueu laboriosamente sua obra (publicando os três volumes de suas *Rimas* – 1791, 1798 e 1804 -, suas traduções e outros escritos) e é nela que surgiram e se espalharam narrativas que, sobrepostas à dinâmica real e efetiva de seu traba-

lho intelectual, obscurecendo-a e empanando-a, formaram a imensa teia de representações que haverá de alimentar de Bocage uma memória lendária, mistificada e, em suma, falseada”, destacou José Paulo Netto, outrora pensador marxista, em *Da erótica – muito além do obsceno* (Editora Boitempo, SP, 2022).

VI

Um dos grandes equívocos sobre Bocage talvez seja a confusão entre poesia e vida. Não raro tal reducionismo invoca a vida como testemunha da poesia. Trata-se de uma meia verdade. Se as rimas de Bocage trazem traços autobiográficos, como enfim toda a poesia universal, sua obra está carregada da “dor que deveras sente”, como diria séculos depois seu conterrâneo Fernando Pessoa. De resto, puro fingimento. Aí estão, por exemplo, os amores de Bocage como prova de que a vida é uma coisa, a obra é outra. “Não há dúvida de que muitos críticos confundiram a personalidade poética de Bocage com o homem, a exemplo do que fizeram em relação a Nicolau Tolentino, seu contemporâneo, sem perceber a ironia e a hipérbole que caracterizam o fazer poético de ambos, características típicas do período em que viveram”, alertou o biógrafo.

A rigor, as desastradas, vagas e fugazes paixões de Bocage – se é que um dia todas existiram de modo intenso e real – contrastam com as excitações arrebatadoras e pecaminosas de muitos de seus poemas. O poeta, no entanto, não ocultou algumas de suas contorções líricas. Ao contrário, espalhou recados por sua obra. Eis que no poema *A água estagnada*, de *Rimas*, fica nítido ter sido um homem de amores efêmeros, tempestuosos e hostil ao casamento, que classificou como “prisão”. Diz ainda: “Devo abafar-te, amor, paixão sublime? /Ah! S’amar, como eu amo, é um delito/ Lília formosa aformoseia o crime.”

Diga-se, no entanto, que, para estimular a prática de atos horizontais e paixões mais duradouras, não faltaram exemplos reais para Bocage. Alguns pegadores de sua época serviriam como modelo. O iluminis-

ta Voltaire (1694-1778), um de seus gurus e de quem foi tradutor, era doido por um rabo de saia. Quarentão, juntou panos e ideias com a aristocrata Émilie du Châtelet, casada, mãe, viciada no carteador – mulher notável que antecipou estudos sobre raios infravermelhos, fotografia e conservação de energia. Foram viver, na vertical e na horizontal, num castelo francês. O casal incendiou corações, mentes e camas. Amassado, o autor de *Cândido* desabafou numa carta: “Após tantas noites de sexo, minha máquina está totalmente exaurida”, registrou o historiador inglês David Bodanis no livro *Mentes Apaixonadas* (Editora Record, RJ, 2012).

Bocage, a rigor, não foi um Voltaire. Mulheres em abundância, sim, houve – mas quase sempre num palco iluminado por escrito. Ainda na adolescência, o poeta teria vivido uma atração quase fatal por uma certa Gertrudes, filha de um brigadeiro. Fez-lhe versos em três poemas. Não bastaram. O irmão, Gil Francisco, arrebatou a mulher e meteu-lhe uma aliança no dedo. Bocage havia rumado para sua aventura por Índia e Ásia. Na volta, sentiu algo incômodo no alto de sua juba. E reagiu de modo apaixonado: “Receio que, por minha adversidade/Novo amante, sagaz e lisonjeiro/Macule de teus votos a lealdade:/ Ah, crê, bela Gertrúria, que o primeiro/Dia que eu chore a tua variedade/Será da minha vida o derradeiro”, eternizou o poeta no mimimi *À mesma, receoso de sua constância*.

Agitou-se o bardo também para o lado de mulheres casadas. Marília, esposa de seu amigo chapeleiro Gregório Carneiro, ouviu os seguintes versos de *Descendendo os encantos de Marília*: “Se o deus, que assanha as Fúrias, te avistara/As mãos de neve, o colo transparente, /Suspirando por ti, do caos ardente/ Surgira à luz do dia, e te roubara”. No caso, o deus “que assanha as Fúrias”, em minúsculas, se justifica. Significa o capiroto, o diabo, divindades infernais. Diabos é que não se soube se o tal chapeleiro estava cá presente de olho no poeta, ou se ia longe, em lugar discreto, dono da chave de “uma casa com homens e mulheres para encontros permissivos”, como escreveu Adelto.

Armânia, a bela, também mulher de um amigo, foi saudada no papel e na língua das tavernas por Bocage. Maria Margarida, filha de um médico do Hospital Real, teria eriçado pelo menos os longos cabelos do poeta. É robusta a lista de nomes femininos que se espalha pelas 2050 páginas em papel bíblia de *Obras de Bocage* (Editora Lelo & Irmão Lisboa, 1968) – ainda o mais bem-acabado e completo livro do poeta. Entre elas, Jônia, Olinta, Olinda, Alzira, Arselina, Lênia, Nereida, Nise, Elmina, a cantora veneziana Elizabetha Gafforini e até Maria Antonieta guilhotinada.

VII

Ana Jacques de Mondtegui, indiana de Damão descrita como deslumbrante, cruzou com Bocage nos salões de Goa. Era uma beleza que o poeta jamais vira por Lisboa e adjacências. Uma típica indiana. Ana vivia tudo ao mesmo tempo agora, com a mansa anuência do marido, um certo Jacques Felipe de Mondtegui, de origem francesa. O homem estava mais interessado em cargos do que na própria mulher. Alcançou altos postos na infantaria. O ardiloso governador Frederico Guilherme de Souza, de olhos, mãos e etcétera em Madame Ana, promovia e empurrava o marido cada vez para mais longe. Era uma festa infundável. Um contemporâneo, em carta, saudou-a como “a celebrada madame Monteigui”. “A sua fama corria por toda Goa, a tal ponto que, mesmo ausente dela, ficaria por muito tempo como uma lembrança pecaminosa na memória dos goeses”, registrou o biógrafo Adelto.

A certa altura, o marido abandonou Ana em Goa e desapareceu. Em 1865, o historiador Filipe Nery Xavier publicou em Lisboa uma “notícia histórica” sobre a mulher. Tomou o testemunho de uma holandesa, viúva, madame Sissingso, que a conheceu em Surat, dizendo que “fora público o cortejo que dona Ana recebia de ricos negociantes de diversas raças e crenças que residiam naquela ‘florescente cidade’... depois, desprezada por estes, acabou, sem escolha, por se sujeitar a toda casta de servidores, mouros, persas, negros, banianes e outros, passando a viver na mais escandalosa devassidão”.

Na edição de 1911 de *Poesias eróticas, burlescas e satíricas*, uma nota informa que a mulher era acusada por voz pública “de entreter luxurioso comércio com um negro, seu escravo, moço bem fornido, ao qual dava de graça o mesmo que o governador só podia comprar por alto preço”.

Segundo alguns historiadores, Bocage – então com pouco mais de 20 anos – teria se apaixonado por Madame Ana. Arremessou-lhe cinco sonetos, recebendo em troca o silêncio. Rejeitado, irado, partiu para a vingança armado com um bico da pena. Saiu daí um de seus poemas mais conhecidos, lidos e recitados - *A Manteigui*. Alguns trechos: “Canto a beleza, canto a putaria/De um corpo tão gentil como profano;/Corpo que, a ser preciso engoliria/Pelo vaso os martelos do Vulcano...”

“...Seus meigos olhos, que a foder ensinam,/ Té nos dedos dos pés tesões acendem;/As mamas onde as graças se reclinam,/Por mais alvas que os véus, os véus ofendem/As doces partes que os desejos mimam,/Aos olhos poucas vezes se defendem;/E os Amores, de amor por ela ardendo,/As piças pelas mãos lhe vão metendo...”

“...Tendo-lhe visto a tórrida linguíça/ Mais extensa que os canos dum telhado, /Louca de comichões, a indigna dama/Salta nele, convida-o para a cama.”

“...Há quem tenha outra ideia, há quem discorra/Em coisa que não seja mangalho?/ Tudo entre as mãos se me converta em porra/Quanto vejo transforme-se em caralho:/Porra, e mais porra no verão, e no inverno,/Porra até nas profundas do inferno!”. Porra, diga-se, significava à época pênis, mangalho, caralho, e não esperma, sêmen, que era longonha, segundo a língua setubaleza.

O caso de Madame Ana com o escravo bem-dotado está aqui e ali no poema. Bocage foi fundo na vingança: “Levanta a tromba o ríspido elefante, /A tromba, costumada a tais batalhas, /E apontando ao buraco palpitante, /Bate ali qual aríete nas muralhas /Ela enganchando as pernas delirante, /“Meu negrinho (lhe diz) quão bem trabalhas!/Não há porra melhor em todo o mundo!/Mete mais, mete mais, que

não tem fundo.”

No entanto, em seus 40 anos, o poeta em nenhum outro momento encetou um ataque em massa como fez com a família de outro amigo – Antônio Bersane Leite, escrivão e capitão-tenente da Armada portuguesa. De início, ofereceu uma cascata de homenagens às suas três filhas, chamadas Anas – Perpétua, Bárbara e Dorotéia. Meteu-lhes versos aos ouvidos. Perpétua virou Anália: “Arrepio-me, e suo, e choro, e clamo:/ Ai! Cumpriram-se, Anália, os meus destinos! /Foges de mim, de Amor; nem fé, nem votos, /Nem lágrimas, nem ais teu peito abrandam, /Esse, que outrora ao mínimo queixume/Em meigas sensações se amolecia”.

VIII

Com Maria Cecília, a primogênita dos Bersane, o bardo ousou vias de fatos físicos no soneto Armia: “Num capote embrulhado, ao pé de Armia, /que tinha perto a mãe o chá fazendo, /Na linda mão lhe fui (oh céus!) metendo/ O meu caralho, que de amor fervia”.

Maria Vicência, a filha mais nova do capitão-tenente, teria chegado mais perto do bardo, conforme alguns relatos. Adolto citou a obra *Livraria clássica*, na qual o biógrafo José Feliciano Barreto escreveu que “o poeta frequentava bastante a casa de Bersane, donde provieram as relações estreitas entre o poeta e sua Marcia”. Sim – esse era o nome lírico da musa. Assim exaltada: “Amante, e não autor, desdenho, ó Márcia, /Uma inquieta glória, um árduo nome, /Nada sou: minha Musa às vezes leda, /Leda, ou antes cansada de carpir-se, /Cuida somente em adoçar meus males.”

Dois anos depois da morte de Bocage, Maria Vivência, a Marcia, subiu num navio com a família a caminho do Brasil. Desembarcaram no Rio de Janeiro, mas o pai decidiu encarar a corrida do ouro em Minas Gerais. Em seguida, o velho morreu, Marcia buscou abrigo com sobrinhos em Campanha e depois passou a morar em São Gonçalo do Sapucaí. Ganhou logo notoriedade municipal como a ‘noiva

de Bocage” e animou pequenas plateias recitando picantes poemas do bardo. Viveu ali mais de meio século. Chegou aos 26 e morreu aos 85 anos.

No fim da vida, quatro anos antes da morte, Marcia cruzou na cidade com um novo morador - Lúcio de Mendonça, fluminense de Piraí, que chegou para exercer a advocacia. O lugar não lhe era estranho. Ficava ali a fazenda do avô, o capitão Salvador Furtado, um bandeirante descobridor de minas de ouro. Escrevia e não era uma pena qualquer. Romântico ao estilo de Fagundes Varela e Castro Alves, pertenceu à geração que fundou a Academia Brasileira de Letras – ideia que ele próprio deu a Machado de Assis. Ali convivia então com Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Coelho Neto, entre outros. Publicou o romance *O marido da adúltera*, seu livro mais lembrado e reeditado, cujo personagem principal é um certo Luiz Marcos.

A genialidade do ensaísta Alexandre Eulálio, no entanto, instala ao lado desse romance um conto, “quase novelinha”, chamado *Luis Serra*, publicado em jornal e depois incluído em *As horas do tempo*, de 1901. O enredo apresenta um homem que vive isolado numa serra, daí Luis Serra, com uma onça como amiga. Súbito, sua rotina é sacudida por uma jovem mulher que vê na casa de um juiz de direito. Espiando, descobre que ela tem um amante. Magoadado, volta, joga palhas na toca de sua amiga, atea fogo e ainda assim a onça surge da fumaça com os olhos mansos para Luis Serra. Desesperado, desejando o próprio fim, saca a arma e atira, e então a “onça reencontra a verdadeira natureza, e com as garras possantes faz em pedaços o provocador”.

Eulálio extrai desse desatino rural uma grande sacada. “Simbolicamente, aos pés da encosta em que vive o nosso herói – está a vila, onde campeia, em miniatura, a inevitável corrupção de qualquer lugar civilizado: portanto princípio dissolvente do equilíbrio com a natureza”, escreveu no ensaio *O último bom selvagem: Luis Serra de Lúcio de Mendonça* no livro *Tempo reencontrado* (Editora 34/IMS, SP, 2012). “Aí Luis Serra há de encontrar a moça da Corte, flor de estufa como ainda não conhecia o caboclo, e que,

pelo fascínio do desconhecido, arrancando-o desastrosamente de seu mundo – como ‘uma planta destacada com as raízes’, poderia ter dito o autor.

IX

A moça da cidade representa assim o mundo que existe nos antípodas da vida natural – toda a corrupção civilizada que o caipira ignora: egoísmo, inconsequência, leviandade, capricho, interesse... Coloca-se aí, em termos assaz eloquentes, a oposição central entre a floresta e a cidade, o ermo e a civilização, que concluirá com o sacrifício do primeiro pelo segundo”.

Aqui não há como não pensar em Mogli (1894), o menino-lobo de Rudyard Kipling que virou filme da Disney (1967), e o medo de Baguera, a pantera negra, de que algum dia tivesse que levá-lo para a civilização. Assim como convém recordar também o conto “Meu tio o Iauaretê”, de *Estas Histórias* (1969), de Guimarães Rosa, cujo personagem, matador de onça, é mais bem-sucedido do que Luis Serra: faz o caminho de volta da civilização para o sertão, trocando os homens pelos animais.

Pelos Furtado de Mendonça, casta portuguesa de condes e viscondes do Império, Lúcio de Mendonça é parente do pioneiro da imprensa brasileira, Hipólito da Costa (1774-1823), e avô do excelente escritor Carlos Sussekind (1933-2021), autor da obra cult *Armadilha para Lamartine*.

Mendonça visitava Marcia num casarão de Santo Isidro, nos arredores de São Gonçalo. Mais tarde, anotou suas impressões no artigo “A noiva de Bocage” na histórica revista carioca *Kosmos*, de janeiro de 1906. “Vegetava a um canto, caolha e sórdida, quase mentecapta, mas ainda famosa pela desenvoltura bocagiana dos ditos e das anedotas”, escreveu o poeta de *Vergastas* (1873), concluindo: “já com um olho vazado e murcho, foi residir com as sobrinhas em Santo Isidro, onde faleceu a 29 de junho de 1868...” Bocage, hoje, também poderia ser um astro da sofrendência – tendência musical brasileira atual que acredita piamente ter inventado o desamor. Incluídos os

tais “críticos”. Por que não, em certo sentido, incluir Bocage pelo menos na galeria dos bardos da dor-de-cotovelo – lista que de resto, na poesia e na música, pode ser estendida pra frente e pra trás, vindo de tempos imemoriais a um poeta popular de meados do século passado, como Lupicínio Rodrigues. Bocage e Lupe, um e outro, cancelada a distância no tempo, reúnem recursos básicos pra ingressar na galeria da dor-de-cotovelo – expressão criada pelo apresentador Blota Jr. ao anunciar o próprio Lupicínio na TV Record dos anos 1960.

Ambos tiveram, sobretudo, condições materiais adequadas: mesa e balcão, luz difusa do abajur lilás, bas-fond e tragédias ligeiras pra curtir o desamor. Um, noites na taverna; outro, madrugadas nos inferninhos. Um, no Botequim dos Parras; outro, no Som de Cristal paulistano. Lupicínio foi até mais longe: se tornou dono de várias casas noturnas em Porto Alegre. São, lá e cá, uma sofrência só. Bocage um pré-romântico; Lupe, um parnasiano. Ambos foram seres noturnos. Menestréis: cada mulher, um poema; cada mulher, uma música.

X

Lupe, como Bocage, não se inspirava em mulher idealizada – as musas tinham que surgir e desfilar vivíssimas aos seus olhos. No MPB Especial gravado pela TV Cultura em agosto de 1973, o compositor revelou suas inspirações e a história real de algumas musas. A música *Maria Rosa* narra a decadência de uma antiga namorada; *Brasa* foi pra se vingar da cunhada que brigava com o irmão; *Castigo* para uma moça que o deixou e foi para o Rio Janeiro, voltando a procurá-lo depois de muitos anos. *Ela disse-me assim*, um romance tumultuado e proibido. *Se acaso você chegasse* foi uma confissão: roubou a mulher do amigo e não teve coragem de lhe contar a trapaça. Avisou por música.

O tema da perda, da troca por outro homem – como Gertrudes, que deixou Bocage por seu irmão –, acaba retomado por Lupe. O compositor ia casar e a noiva foi embora com outro. Ele testemunhou a trai-

ção. Daí saiu o clássico *Nervos de Aço*: (“Você sabe o que é ter um amor, meu senhor/ ter loucura por uma mulher/ E depois encontrar esse amor, meu senhor/ nos braços de um tipo qualquer/ Você sabe o que é ter um amor, meu senhor/ e por ele quase morrer/ e depois encontrar em um braço/ que nem um pedaço do meu pode ser”.

O espírito rebelde também une um e outro. A boemia estava acima de tudo para Lupicínio. Numa entrevista de 1973, a equipe do *Pasquim* quis saber o que Lupe achava do então panorama da música brasileira. Ele entornou o copo: “Não tenho nada com o ambiente musical brasileiro. Não sou músico, não sou compositor, não sou cantor. Sou boêmio”.

Homem da segunda metade do século XVIII, Bocage sofreu avassaladora influência da cultura francesa. Leu e traduziu Rousseau, Voltaire e Racine. Também verteu para o português *Metamorfoses*, de Ovídio – o grande poeta erótico romano. Deitou olhos em Quintiliano, Horácio e Juvenal. Quis ser Camões – o guru predileto –, outro viajante marítimo. Como o autor de *Os Lusíadas*, narrou também um naufrágio na África, sabe-se lá se verídico ou não. “Camões, grande Camões, quão semelhante/Acho teu fado ao meu, quando os cotejo”, disse num soneto.

É provável, sim, que Bocage tenha aplicado picos de Camões na sua veia poética, disposto a repetir as peripécias vividas por seu guru 260 anos antes. “A sua veia poética o fazia procurar analogias com Camões, que, depois de ficar esquecido por dois séculos, foi reabilitado e integrado aos estudos clássicos da Renascença. Se algum dia imaginou repetir os passos de Camões, talvez logo tenha percebido que não poderia permanecer na Corte, sem conhecer a vida militar de Ultramar. Nunca conseguiria produzir um épico nacional, se continuasse a levar aquela vida morna e sem objetivo das noites lisboetas. Talvez esse motivo também o tenha levado a candidatar-se a um lugar na expedição que partira para a Índia”, observou Adolto.

Bocage também trilhou as pegadas do toscano Pietro Aretino. Na introdução de *Poesias eróticas, burlescas e satíricas* (Lacerda Editores, RJ, 1999), o poeta Alexei Bueno aproxima o bardo luso do desbocado italiano, autor de *Sonetos luxuriosos*. Vê em ambos “o retrato do êxtase sexual, em seu desenfreamento hiperbólico, que alcança expressões admiráveis”.

Aretino (1492-1556), que viveu dois séculos antes de Bocage, andou entre a natal Arezzo, Roma, Florença e Veneza, onde morreu. Era filho do sapateiro Luca e de Tita, formosa a ponto de ser eternizada na escultura da Virgem da Anunciação, afixada no alto do portal da igreja de São Pedro, em Arezzo. Aretino se irritava quando diziam na cidade que sua mãe era uma cortesã. Não foi à escola, tornou-se gráfico e seguiu para Roma. Imprimia e vendia suas sátiras em folhetos, penetrou no poder do Vaticano, fez-se amigo e inimigo de papas, queria ser cardeal, sofreu tentativas de assassinato e acabou numa espécie de exílio em Veneza.

Não viveu mal: morou num palácio mantido por poderosos admiradores e cercado de mulheres – as aretinas, dizia-se. “Quer pela crueza de sua linguagem quer pela carnalidade de sua temática, os sonetos aretinianos podem ser considerados o avesso da poesia culta de sua época, a qual não só recebera de Dante e Petrarca o gosto pela divinização da mulher – menos um deleitoso ser de carne do que uma metáfora terrena da Virgem... – como também herdara mais remotamente de Virgílio a nostalgia cidadina dos *loci ameni* e a simplicidade da vida rural”, comparou o notável e já esquecido poeta José Paulo Paes no ensaio de sua tradução de *Sonetos Luxuriosos* (Companhia das Letras, SP, 2000).

E definiu: “...o espírito da poesia aretiniana, onde o amor surge como puro gozo dos sentidos e, como tal, fonte não de tristonhas rumações em torno de inalcançáveis Lauras e Beatrizas, mas de prazenteiras e desbocadas invectivas que os amantes trocam entre si enquanto estão *stretti a tal piacere intenti*

numa efusão de pura sexualidade onde os sentimentos não têm papel algum a desempenhar”. Enfim, quanto a Aretino, o poeta é réu confesso e com firma reconhecida. Escreveu: “Outro Aretino fui...A santidade/ Manchei! Oh! se me creste, gente ímpia/ Rasga meus versos, crê na eternidade”.

Hibridismo cultural? Intertextualidade? Apropriação? Ressignificação? Como diz o tango de Lomuto, “sombras nada más”.

XII

No pequeno estudo *Leopoldo Lugones, el império jesuítico* (Biblioteca Personal, Alianza Editorial, Madri, 1988), Borges criou a expressão “sombra tutelar” pra definir a influência de autor pra autor (até mesmo o plágio, na maioria das vezes involuntário). Seria o vulto de um criador original sobre os ombros de um novo autor, como anjo ou corvo. Admite-se no máximo, amenizando, a ideia de cumplicidade. Ou seja: os autores seriam cúmplices. Nada além. Mesmo porque não havia o conceito de propriedade intelectual. Os direitos jurídicos sobre uma obra é algo recente, do século XX.

A ver, por exemplo, outro campo artístico, vizinho a poesia. Aí talvez repouse uma definição emblemática para plágio antes dos tratados jurídicos sobre direitos autorais. “Samba é como passarinho. É de quem pegar primeiro”, dizia o compositor Sinhô, um dos pioneiros da música popular brasileira e pianista de salões, cafés e muquifos do Rio de Janeiro do início do século XX. Por certo justificando-se, eis que foi um notório pirata de obra alheia.

Ainda na música, a considerar a figura de Borges – a sombra tutelar – atrás do estilo de João Gilberto estão Mário Reis, Lupicínio Rodrigues e Jonas Silva. No futebol, atrás de Ronaldinho Gaúcho, Canhotinho, Garrincha e Pelé. Atrás de Tom Jobim, Villa-Lobos e as dissonâncias de Debussy. Quantos trouxeram nos ombros Flaubert, Faulkner, Tchekhov, Maupassant? O romancista mexicano Carlos Fuentes, exímio ensaísta, atreveu-se a promover uma aproximação

entre dois monstros – Cervantes e Shakespeare –, como se ambos fossem uma só obra. “Pelo menos desde Vico, sabemos que o passado está presente em nós porque somos os portadores da cultura que nós mesmos fizemos”, afirmou no ensaio *Cervantes ou a crítica literária* (Editora Rocco, RJ, *Eu e os Outros*, 1989). “Embora não tenham sido a mesma pessoa, talvez Miguel de Cervantes Saavedra e William Shakespeare tenham sido o mesmo escritor, o mesmo autor de todos os livros”.

Em 1784, quase 20 anos antes de sua morte, Bocage – marujo viajado e bom de tiro –, optou pela deserção da Marinha. Ainda passou pela Índia, numa espécie de exílio imposto por Maria I. Quando não deu mais, caiu fora e voltou para Lisboa. Foi viver numa casa de cômodos, dividindo o quarto com um amigo. Relatos de contemporâneos, citados na biografia, recordam o poeta como assíduo frequentador de tascas e botecos da noite lisboeta, recitando de improviso seus versos eróticos e satíricos.

Em mesa do Botequim dos Parras e do Café Nicola, apreciava uma genebra (forte destilado de cereais de origem holandesa que teria inspirado o gin). Era figura fácil em jogatinas, beberagens e puteiros, com predileção pelas outrora chamadas ruas de má fama. Não perdia os dramas líricos no teatro, em cujos palcos só pisavam homens. Recrutados até para papéis femininos. Mulher não podia ser atriz, por ordem de Maria I, a louca.

Metamorfose ambulante, Bocage estava sujeito aos riscos noturnos da Lisboa setecentista. Inexistia iluminação pública e os assaltos eram comuns. Havia a recomendação pra sair com lanternas ou archotes. Certa noite, pés redondos e trôpego, o poeta súbito viu-se golpeado por um distúrbio intestinal. Adotou providências urgentes e arriou as calças ali mesmo. Pilhado, porém, no indecoroso exercício da evacuação em praça pública acabou atingido por um banho fétido que veio do alto de uma janela, na forma de um coquetel de água imunda, urina e fezes. Olhou pra cima e ainda viu uma rapariga de touca, que despejava a imundície sem aviso prévio. Banhado em bosta, apenas lhe restou então saudá-la em versos

irônicos: /Ó menina do toucado/Já que tem mão tão certa/Venha buscar a oferta/Que ficou do batizado”.

XIII

Libérrimo, destemido e provocador, Bocage sempre teve no seu encaço uma milícia de desafetos. O mais terrível e implacável, por certo, foi Frei Macedo – um agostiniano, irrequieto e verborrágico, descrito pelo chefe de polícia da época, o intendente Pina Manique, como tipo de “mau procedimento” e “relaxado”. Andava armado com uma faca. Roubou livros num convento e teria posto “mãos violentas” num frei. Preso, acabou no xilindró junto com um cônego chamado Antônio de Queiroz Botelho, acometido de “moléstias venéreas”. Amargou a cana por pouco tempo. Logo arrombou a cela e fugiu. Espiava mulheres de modo acintoso à saída dos teatros e houve registro da existência de pelo menos uma concubina: Cláudia Maria Benigna disse à polícia que viveu alguns meses sob o mesmo teto que o frei. “Além disso, o religioso teria sido visto na companhia de mulheres de má fama. E seria frequentador assíduo dos piores tugúrios de Lisboa”, apontou o biógrafo Adolto.

Nesse tempo, Frei Macedo ainda não fazia versos. Entregou-se ao parnaso tão-somente ao cruzar num convento de Coimbra com o frei mineiro Santa Rita Durão (1722-1784), também agostiniano, orador e autor do clássico *Caramuru* (1781) – poema épico sobre o descobrimento da Bahia. A influência foi marcante – e então Frei Macedo tomou gosto pela poesia. Quatro anos mais velho do que o amigo-inimigo Bocage, José Agostinho de Macedo, o Frei Macedo, era chamado de Padre Lagosta por causa do rosto muito liso e avermelhado. “Atraía a atenção por suas formas avantajadas e besuntadas, ventas cheias de rapé, olhos chamejantes, cachaço grosso e cintura de barril”, descreveu o biógrafo.

O Padre Lagosta trazia um segredo de alcova. Oficialmente era filho do pasteleiro e ourives Francisco José Tegeira e de Angélica dos Serafins Freire. Línguas viperinas e dedos duríssimos, contudo, apon-

tavam por toda Lisboa o verdadeiro pai: Francisco Eleutério de Faria e Melo. Frei Macedo escreveu muito, publicou e conquistou certa fama. Foi opositor ferrenho de qualquer tipo de liberalismo e manteve arma ensarilhada para maçons e jacobinos. Era um notável orador.

XIV

Depois de sete anos da morte de Bocage, lançou o livro *Os burros*, no qual desancou o Botequim dos Parras, reduto literário e elítico predileto de Bocage. O padre não pisava na taberna pra não cruzar com o poeta. No livro, definiu o lugar: “um santuário conhecido não só dos vagabundos de Lisboa, mas dos estúpidos e alarves provincianos, que se persuadem figurar no mundo, quando, entre calotes, aparecem seis meses no imundo e se-bento teatro de uma estalagem, onde entraram com reposteiro à porta e saem embrulhados na manta que de lá furtaram”.

Escreveu ainda que o local era frequentado por “asneirões” arrastados para o caos da ignorância. E completou: “a desgraçada instalação deste botequim fez ali presidir a asneira, desde que o orate Bocage, levantado, de moto próprio e por poder absoluto, árbitro do parnaso português, ali começou a beber e a gritar”.

Desde que Bocage retornou de sua aventura náutica e militar, passou a trilhar os mesmos passos boêmios, devassos e noturnos de Padre Lagosta. Tornaram-se grandes amigos. E inimigos – se o caso fosse competir em versos, num duelo incessante que só acabou com a morte de Bocage. Os insultos e as maledicências do padre irritavam e induziam o poeta à réplica. Um dos ataques mais virulentos de Macedo colou de tal modo na biografia do bardo de Setúbal que virou um clássico. Aparece na maioria das antologias de Bocage.

O poema *Sátira de José Agostinho de Macedo* acusa o rival de “mediocre”, “soberbo”, “fanfarrão” e “tradutor de aluguel”, entre outros impropérios. Eis um breve trecho: “Sempre, ó Bocage, as sátiras servi-

ram/Para dar nome eterno e fama a um tolo/... Nunca um poeta bom teve outro ofício/Tu és vadio, és magro, és pobre, és feio/E nada disto em ti reprovou ou noto. /Mas posso emudecer quando contemplo/ Que queres ser um déspota em poesia,/E que, arrogando do Parnaso o cume,/Ouves já, sobranceiro ao charco imundo,/Gritar as rãs e os insetos paludosos...”. Bocage então retrucou com *Pena de Talião*, poema citado e recitado ao longo do tempo. Diz, num trecho: “Refalsado animal, das trevas sócio,/ Depõe, não vistas de cordeiro a pele!/Da razão, da moral o tom, que arrogas,/ Jamais purificou seus lábios torpes,/ torpes do lodaçal onde zunindo,/ (Nuvens de insetos vis) te sobem trovas/À mente erma de ideias, nua de arte”.

XV

A face do Bocage conspirador frequentou reuniões secretas da maçonaria e se encantou com as luzes da Revolução Francesa. “Ideias perigosas” – dizia-se. Versejou e cantou pela nova causa. “Liberdade, onde estás? Quem te demora? /Quem faz que o teu influxo em nós não caia?/ Por que (triste de mim)! Por que não raia/Já na esfera de Lísia a tua aurora? – suplicou em *Aspirações do liberalismo, excitadas pela Revolução Francesa, e consolidação da república em 1797*. “Era o triunfo dos afrancesados. Tudo vinha da França: as modas das mulheres e dos homens, o modo de se pentear, a cor e a forma dos sapatos, os quitutes e a maneira de apresentação dos jantares, os arranjos nas casas, as expressões que invadiam o vocabulário dos bem-falantes. Paris era um grande salão: quem lá ia e retornava vivia a sonhar com a cidade como se tivesse sido expulso do Paraíso Perdido”, descreveu o historiador francês Paul Azard em *O pensamento europeu no século XVIII*, reproduzido na biografia por Adolto.

Outra vertente da obra de Bocage é a fuzilaria contra o Clero. O poeta negou a existência do céu mesmo porque – talvez o próprio inconsciente desejasse – era o inferno que lhe piscava os olhos. Desafiou os cânones religiosos de viva voz e por escrito – até ser trancafiado na Cadeia de Limoeiro, a principal prisão

de Lisboa, por ordem do chefe de polícia Pina Manique. A acusação foi de blasfêmia contra a Igreja ao divulgar em folhetos o poema “Verdades duras” ou “Pavorosa ilusão da eternidade”. O início: “Pavorosa ilusão da eternidade, /Terror dos vivos, cárcere dos mortos;/D’almas vãs sonho vão, chamado inferno;/ Sistema da política opressora, /Freio, que a mão dos déspotas, dos bonzos/ Forjou para a boçal credulidade;/Dogma funesto, que o remorso arraigas/Nos ternos corações, e a paz lhe arrancas...”.

O que se destaca em Bocage é o texto primoroso. Mesmo porque ataques ao clero vararam os séculos nas artes. Antes do bardo lusitano, outros bateram de frente com a Igreja. Por exemplo, os filósofos Maquiavel, Descartes, Voltaire, Hume, Diderot, Nietzsche e Sartre – autores de épocas distintas. Também Ovídio, Abelardo, Molière, La Fontaine. Esses nomes acabaram inscritos no Índice (*Librorum Prohibitorum*) da Igreja Católica, lista de livros proibidos que sobreviveu mais de 400 anos, de 1559 a 1966, ano em que foi abolido pela Papa Paulo VI.

Os hereges vêm desde o poeta luso-brasileiro Bento Teixeira, cristão-novo preso e julgado pela Inquisição, aos contemporâneos, como o cineasta espanhol Luis Buñuel, os escritores Vladimir Nabokov e Fernando Vallejo, colombiano que publicou o romance *A puta da Babilônia*. Sem o Índice, ainda hoje a Igreja recorre a figura do *admonitum*, uma espécie de advertência sobre uma obra. Foi o caso do *Código da Vinci*, de Dan Brown, lançado em 2003, que detonou a Opus Dei.

XVI

Quase sempre em penúria, Bocage não foi apenas o rebelde pintado com tintas apressadas. Viveu, também, de bajulações de alto a baixo da sociedade portuguesa de seu tempo. Em Macau, uma das paradas de sua azarada aventura asiática, ganhou a proteção de uma mulher poderosa, dona Maria de Saldanha, que abasteceu seu bolso e o ajudou a suportar o que chamou de “terras bárbaras”. Em agradecimento, curvou-se em sonetos para as filhas da protetora, a quem ainda lisonjeou com a

ode O adeus e pediu ajuda para retornar à Lisboa.

O desembargador Lázaro da Silva Ferreira praticava contrabando, extorsão, protegia apaniguados suspeitos e subtraía até dinheiro do juizado de órfãos e da provedoria dos defuntos. Era um corrupto típico dos que vicejavam no período pelas colônias portuguesas. Ganhou, no entanto, um poema de Bocage. Assim como o comerciante Joaquim Pereira de Almeida, amigo de Lázaro, de outros corruptos e contrabandistas, foi exaltado em versos, depois de salpicar moedas nas mãos do bardo.

Em 1793, nasce Maria Tereza, princesa da Beira, a primeira filha do príncipe Dom João e de Dona Carlota Joaquina. A Corte mergulha em dias e noites de festas. A cidade transborda em histeria e o Palácio de São Jorge fica todo iluminado, com as luzes varando pinturas transparentes. Bocage comparece a um beija-mão no Paço da Ajuda, acompanhado pelo poetastro Francélio Vouguense. O que ali perpetrou o vate de Setúbal a pena de Francélio legou à posteridade: “Recitou em verso heroico e com tanto entusiasmo que, erguendo-se do assento raso em que permanecera sentado, virou-se para a porta onde estavam o príncipe e a princesa entre cortinas, como encobertos, e fez um genetliaco de repente, que assombrou toda a cortesã assembleia”.

Fraqueza? Caráter frágil? É provável que não. Mais certo é dizer que foi fruto do tipo de mecenato que então se praticava e coerente com a época pré-romântica em que viveu, na qual os artistas tinham seus protetores, desde o bolso até o guarda-costas. “À época não havia poeta digno de seu ofício que não exercitasse esse tipo de arte encomiástica, independentemente de suas convicções políticas ou religiosas. Era uma exigência do tempo: quase ninguém a tomava como indigna, embora muitos fizessem dessa arte o caminho mais fácil para receber favores do Paço ou de alguma casa nobre”, explicou Adelto.

XVII

A poesia era a expressão literária por excelência do século XVII. As outras manifestações, à época

chamadas gêneros vulgares, só floresceram no século XVIII – o de Bocage. Aumentaram a abrangência. Tornaram-se mais populares. “É precisamente no século XVIII que se promovem os gêneros vulgares, não apenas o romance, mas todos os outros gêneros derivados do jornalismo e do teatro. O termo que veio a denominar o conjunto destes gêneros foi literatura”, observou a professora Graça Almeida Rodrigues em *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina - 1606-1740* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1983). “Nasceram devido a um público incipiente que, vindo dos campos para a cidade, pedia um novo gênero de entretenimento”.

Bocage não inventou a putaria nas letras lusitanas e muito menos na literatura universal. Respeitou, a rigor, uma tradição portuguesa que vem das cantigas de escárnio e maldizer, localizadas nas origens do português-galego, no século XII. O erotismo, a obscenidade e a difamação estão lá nos latinos, nos provençais. A grande poetisa lusitana Natália Correia reuniu 83 poetas na bem-cuidada Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica (Ed. Antígona/Frenesi, Lisboa, 1999, 3ª ed.). Ali, num amplo panorama, estão desde anônimos dos séculos XVII e XVIII, o interessante Dom João Meneses, Gil Vicente, Frei Antônio das Chagas e Bocage até contemporâneos como o LGBTQIA+ Antônio Botto (Nunca te foram ao cu,/Nem nas perninhas, aposto!/Mas um homem como tu,/Lavadinho, todo nu, gosto!), o insuspeito Jorge de Sena e a destemida Maria Teresa Horta.

No Brasil, o pioneirismo do verso fescenino pertence a Gregório de Mattos, o Boca do Inferno do barroco brasileiro, passa por Bernardo Guimarães, Emílio de Meneses, o bruxo Múcio Teixeira, Gilka Machado e Roberto Piva, entre muitos. Há ainda os menos lembrados, como o médico e boêmio Laurindo Rabelo, o desengonçado Lagartixa (No cume daquela serra/Eu plantei uma roseira. /Quanto mais as rosas brotam,/ Tanto mais o cume cheira./No tempo das inverna-das,/Que as plantas do cume lavam,/Quanto mais molhadas eram,/Tanto mais no cume davam./Mas se as águas vêm correntes,/E o sujo do cume limpam,/Os botões do cume abrem,/As rosas do cume

grimpam.”). O inventário é longo, com destaque para dois nomes recentes: Glauco Mattoso (Parece mentiroso, mas não minto:/embora a contragosto vivo pronto/a dar bucal prazer a qualquer pinto) e padre Daniel Lima (O intelectual é um urubu/que se julga vestido, /mas que está nu,/com uma pena de pavão/enfiada no cu).

Inegável é que Bocage significa um estilo na língua portuguesa. Ainda assim, poucos dicionários anotam o adjetivo *bocagiano*. No *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* (Bertrand Editora, Lisboa, 1987, 19ª ed.), Cândido de Figueiredo, embora tenha o mérito do registro, negligencia em duas linhas. Diz: “relativo a Bocage, poeta português. Que tem semelhança com a feição literária de Bocage”. Ou seja: não disse nada.

O metódico Antônio Geraldo da Cunha não vai além disso no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira* (Nova Fronteira, RJ, 1982): “relativo a Bocage ou próprio do seu estilo”. Francisco Borba ignora o adjetivo no *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo* (Ed. Unesp, SP, 2004). Nada consta nos dicionários mais antigos, tais como *Vocabulário Etimológico, Orthographico e Prosódico* (Editora Francisco Alves, RJ/SP, 1909), de Ramiz Galvão, e *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Ed. INL, RJ, 1954), de Antônio Joaquim de Macedo Soares.

XVIII

A omissão do adjetivo nos cinco volumes do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Livros Horizonte, Lisboa, 1987, 4ª ed.), de José Pedro Machado, surpreende por ser um dos melhores catataus do ramo. Não existe nenhuma entrada em Aurélio, Houaiss, Olinto et *caterva* – eis que esperar algo admirável desses lexicógrafos seria querer demais. A irreverência do poeta Glauco Mattoso, porém, não deixa Bocage lhe escapar entre os dedos. Anota bocagem como sinônimo de “palavrão, puteação, piada de bocagem, piada do Bocage”, em seu formidável *Dicionário do Palavrão & Correlatos* (Ed. Record, RJ, 2011).

A sobrevivência da obra do dispersivo e contraditório Bocage por certo tem a ver com sua inquietude. O inconformismo social e religioso, os desregramentos e os pontapés nos fundilhos dos padrões estabelecidos. “De desvio em desvio, de deserção em deserção, só lhe restaria o destino do poeta maldito, com um epílogo patético e sincero de conversão, quando ele todo Bocage já não fosse”, assinalou Alexandre Eulálio no ensaio *Bocage vive ainda (Os brilhos todos)*, Ed. Companhia das Letras, SP, 2017). “A extraordinária beleza e musicalidade de seus versos, a retomada de um ponto de vista individualista da tradição platônica de Camões – a cujo destino Bocage comparou o seu –, a plasticidade da forma, a elegância no exprimir o sentimento, confirmam nele a mais autêntica vocação criadora, que influiria gerações que se seguiram a ele, no Brasil ainda mais do que em Portugal”.

Ao se alistar no Exército, aos 16 anos, Bocage fez constar em sua ficha que era um soldado de “1,67m, olhos pardos e cabelos castanhos”. Mais tarde, num soneto, falou que era “magro, de olhos azuis, carão moreno e meão na altura”. Tinha pés grandes e nariz “alto e não pequeno”, escreveu. O excêntrico milionário inglês William Beckford (1760-1844), autor do clássico gótico *Vathek*, disse em carta que numa visita a um convento de Lisboa encontrou um “moço pálido, franzino, e de aspecto singular, o senhor Manuel Maria, o mais extravagante e talvez o mais original dos poetas que Deus tem criado”. Vai saber se o interesse de Bekford pelo vate luso tenha sido o ponto comum entre ambos (e Camões) – a obsessão setecentista por gente, coisas e lugares orientais.

Por pouco, Bocage não foi testemunha da invasão de Portugal pelos franceses em novembro de 1807. Exatamente por dois anos. Viria com a Corte de dom João VI em fuga para o Brasil, que já conhecia? Morreu, porém, aos 40 anos, às 12hs30 de 21 de dezembro de 1805, vítima de aneurisma nas carótidas, descoberto alguns anos antes, segundo o pesquisador Teófilo Braga – autor da introdução de 120 páginas de *Obras de Bocage*. O poeta salpicou epitáfios por toda sua obra, mas talvez o mais bem-acabado para uma lápide fosse um trecho do *Soneto II*: “Aqui dor-

me Bocage, o putanheiro: passou vida folgada, e mi-lagrosa; comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”.

XIX

Fosse esse, aquele ou outro, o certo é que o perfil perdido e agora encontrado no livro de Adeldo Gonçalves comprova, acima de tudo, que esse neto de corsário francês, filho de um juiz caloteiro e preso por desvio de verba pública, quis ser um homem livre no século XVIII, em plena Inquisição portuguesa, na transição do Poder de fato do Marquês de Pombal para Dona Maria I, a louca. Ousou e causou cizânias. Fez sátiras corrosivas, humilhou em versos as figuras de seu tempo e bajulou poderosos, pedindo socorro e clemência, quando caído em miséria ou trancafiado em clausuras indesejáveis, como cadeia e hospício. Talvez seja um bem-acabado retrato em bico de pena de sua época. Foi o que poderia ter sido.

XX

Bocage – o Perfil Perdido, de Adeldo Gonçalves. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), 520 páginas, R\$ 85,00, 2021. Site: www.editoraimprensaoficial.sp.gov.br